

# A PESSIMISTA

Helder Costa

Comecei a ser pessimista desde pequenina.

Desconfiava dos brinquedos. Tinha medo dos automóveis de corda quando eles avançavam contra mim. Sabia que o homenzinho do trapézio me havia de dar um pontapé quando desse a volta. Nunca quis um urso de peluche porque senão eu não cabia na cama. Tive um pardal de peluche; uma manhã acordei com pontos encarnados, tenho a certeza que foi ele que me deu bicadas. Quanto a correrias e outras coisas, tinha a certeza que ia cair, partir uma perna ou o nariz, e por isso, estava sempre quietinha. Uma vez, os meus irmãos e primos insistiram para que eu fosse com eles, e aconteceu o que eu esperava: deram-me com uma laranja num olho.

A partir desse momento a minha vida ficou traçada.

Na altura de começar a olhar para o espelho, descobri que não era nenhuma Miss Universo.

Como era pessimista e não gostava de mim, não acreditava que alguém pudesse gostar de mim. Mas como eu estava na idade em que todos arranjam namoros ou coisas parecidas com isso, também houve quem me quis namorar. E eu, como era uma pessoa séria e não queria dar desgostos a ninguém ou ficar culpada por algum traumatismo e posterior desvio sexual ou sentimental, não aceitei.

Curioso!

A partir daí não me faltaram os pretendentes. A todos fui rejeitando, e a dada altura, já toda a gente se interrogava sobre o que eu teria de especial. Acabei por aceitar namoro àqueles que todas perseguiram e por quem suspiravam.

Foi então que eu comecei a perceber que ser pessimista era capaz de ser uma coisa boa.

No meu ambiente familiar falava-se muito dos Reis. Não digo que fosse uma família aristocrática, mas toda a gente se deliciava com as histórias dos casamentos, das princesas, dos namoros, dos dramas... Eu lia as revistas todas, e a dada altura, como sou pessimista, comecei a andar sempre com pensos e usava adesivos nas partes que eu receava que fossem atingidas: o tal dedo mindinho, o queixo, um sobrolho, o cotovelo esquerdo e o joelho direito.

Como não sabia para que lado ia cair, sempre defendia alguma coisa de qualquer parte.

Pois este preparo deu-me um prestígio enorme. Não só porque era diferente da maquilhagem das outras - e nenhuma teve a coragem de me imitar -, mas principalmente porque me punha fora das imagens das vedetas, da alienação, etc., coisas dessas. Em resumo, ficava à parte das loiras estúpidas.

É preciso dizer que estávamos naquele tempo em que os jovens fingiam que tinham um grande sofrimento. Andavam olheirentos e mal encarados, curvavam as costas, usavam uns sobretudos pingados de gola levantada, e andavam assim pelas ruas, com ar absorto e distante.

Ficavam assim como aquela gente tipo zombi dos filmes daquele suíço que foi para França, o Godard.

Eu tinha ido estudar, pois claro. Mas não ligava nada ao inglês, que era o que estava a dar.

Encerrava-me com os meus pensamentos, fazia poesia, punha os adesivos e era discreta.

Comecei a ficar de moda.

Os rapazes eram aqueles xoninhas de que eu já falei, e as raparigas andavam mal vestidas, como calhava. E quanto mais feias fossemos ou parecêssemos, melhor. Para se ficar fora da tal imagem da alienação, consumismo, manipulação, coisas assim.

De maneira que eu estava muito bem na minha pele.

Mas como sou muito mais pessimista do que essa gente julga, percebi logo que esses meninos diziam que nos adoravam, que assim é que era, mas que no fundo só pensavam na Marilyn Monroe, na Cláudia Cardinale, enfim, nessas vedetas todas.

E cá por dentro eu achava muito bem, até porque eu gostava muito do Gregory Peck. Era alto, tinha um ar sério e fazia a barba; não era como aqueles porcalhões que aturávamos à hora da bica.

De maneira que, como quem não quer a coisa, comecei a mudar de camisolas, de cores, de penteado, tirei alguns pensos (não todos !), e tornei-me um bocadinho mais simpática.

Sempre com cuidado, nada de abusos.

Mais uma vez, o meu pessimismo deu-me razão. As minhas colegas, umas parvas, sempre a espiar-me, perceberam a minha mudança, e foram por aí adiante: mini-saias (que estavam na moda), meias enormes às riscas, brincos, colares, e até houve quem pintasse o cabelo!

Os tempos não estavam para essas coisas, nunca mais ninguém lhes ligou. Quanto a mim, sempre discreta, sempre cortejada, sempre quase inacessível, sempre pessimista, segui gloriosamente o meu caminho.

Muitos devem agora interrogar-se sobre as minhas origens, família, amigos, contactos alternativos e estradas abertas ou pobres azinhagas que eu tive de percorrer.

Não vou falar sobre isso. Porque, como pessimista assumida e coerente, não sei para quem estou a falar e penso, acima de tudo, na minha protecção.

Claro que tento ser coerente na minha posição. Não aceito estar ao lado de quem quer ultrapassar o estatuto que Deus lhe deu, e repugna-me, por exemplo, que o filho de um pedreiro ou de um pastor se assumia como monárquico. São tendências e desvios de um optimismo paranóico. É pobre gente que não percebe que a ascensão social nunca se faz tentando enganar os outros. A ascensão e o triunfo faz-se enganando mesmo, fingindo que essas glórias e companhias não nos interessam. Quando nos pomos de lado somos desejados, e quando cedemos os outros julgam que nos conquistaram. Estão a perceber?

Eu sei que é difícil aceitar este comportamento para quem não for pessimista. Mas, já agora gostava de vos deixar alguns – poucos – ensinamentos que o meu itinerário me foi ensinando.

Por exemplo, já recentemente, um velho amigo meu que teve sempre a mania dos signos e dos horóscopos, andava completamente frustrado porque nunca tinha boas promessas e diziam sempre que tudo dependia do seu sentido positivo da vida. Coitado! Ele compreendia-me, não era capaz de ser pessimista, e o horóscopo era a sua esperança. Qual foi a solução? Falsificou o seu bilhete de identidade, data de nascimento, cor dos olhos, altura, ascendência, e a partir daí, os signos começaram a ser-lhe favoráveis. Não há mal que lhe chegue, escolheu o signo que queria, “está na maior”, como se diz agora.

Mais grave foi o caso da minha amiga Maria Eugénia. Uma cigana, em Sete-Rios, apanhava-lhe a mão, lia a sina e só lhe dava desgostos. O que ela chorava, coitada. E aí, eu tomei uma decisão. Levei-a a um meu amigo cirurgião plástico, ele mudou-lhe as linhas da palma da mão e ficou tudo resolvido. Passados uns tempos, a cigana, completamente frustrada com aquelas linhas magníficas, nunca mais apareceu.

Como vêem o pessimismo não é nenhuma posição estática e passiva. Pelo contrário, exige muita determinação e imaginação... até porque não faltam cantos de sereia para nos envolverem em sonhos e utopias.

Muito cuidado!

O que é inacreditável é que eu já encontrei gente mais pessimista que eu. Ou seja, julgam que são mais pessimistas mas não passam de umas optimistas frustradas.

Diziam-me que não havia nada que fazer contra o mau olhado. Sabem, aqueles olhares venenosos, carregados de ódio e inveja que vêm da parte de amigos e colegas de profissão...

Eu, pela minha parte, sempre desviei o olhar. É a técnica mais simples. Olhar para a chávena do chá, para uma árvore florida do jardim ou para o último modelo da Mercedes, e o mau olhado passa-te ao lado.

Mas há gente que não é capaz desse à vontade. Há quem se meta em casa, de

preferência na cama, e há quem use uns sacos que enfiam pela cabeça que usam no emprego, para que ninguém olhe para elas.

Tudo isto é ridículo.

Até porque ninguém aguenta o olhar consciente e mórbido de um verdadeiro pessimista.

Calculo que estejam preocupados com este devaneio do meu pensamento. É natural que queiram saber tudo sobre a minha vida, e menos do que eu penso. É um erro. O que eu penso, é a minha vida. A minha vida é o resultado feliz de um pensamento coerente, inabalavelmente pessimista.

Vejam: andei nos estudos como muita gente do meu tempo, empreguei-me num organismo do estado (como era do “antigamente e da velha senhora”, como se diz agora, não digo qual era). Mas afianço que estava em boa companhia... Hoje, que engraçado, esta “boa companhia”, já serve para qualquer tendência ou partido político... o que confirma, claro, o meu pessimismo... (RI)...

Bem, nesse serviço utilizavam as minhas ditas capacidades intelectuais. Eu sabia ler, escrever, fingia que sabia traduzir, comecei a saber usar “charme”, depois descobriram que eu tinha “glamour” - hoje chamam a isso o tal carisma, e aqui para nós, usam cada cepo para enganar as pessoas com esse carisma, que eu fico doida... felizmente que sou pessimista e não acredito em nada...

Bem, como se sabe nesses serviços miseráveis todos se mordem uns aos outros. E há quem pense que se promove passando pela cama com o chefe, gente de baixo nível. Eu nunca aceitei promoções, fiz-me sempre modesta e nunca dei confiança para essas coisas... Ainda por cima, o chefe era daqueles que só andavam com homens e gostavam de dar uma volta com uma menina para disfarçar...

Deixem-se de coisas, eu não digo quem era.

Enfim, acabei por ficar bem instalada, mas sem subir na carreira. Não, não me dava nenhum desgosto, porque eu acreditava em mim e no meu sentido pessimista. Aliás, por essa altura, eu já tinha digerido bastante o Sócrates, citava-o, falava dele, e sabia que poderia triunfar. Ainda por cima, sabia que nunca me iria envenenar com cicuta... até porque não sabia o que era a sicuta...

(RI)... que engraçado, esta foi a única piada que eu inventei em toda a minha vida...

Nos empregos, minhas amigas, temos sempre de estar à parte. Ou nos querem usar em guerras entre eles, ou para malandrices sexuais... e isso, são coisas em que quem manda somos nós. Sempre com pessimismo. É quando se atinge o maior prazer.

Quando o país mudou, por causa daquela história dos militares, foi uma coisa horrível. Fizeram uma limpeza, coitados até tinham razão, mas as pessoas não estavam preparadas para isso.

“Ainda por cima, com militares! Se isso se mete na cabeça de algum país civilizado!” isto era o que me diziam as minhas colegas eternamente optimistas, que tinham subido na hierarquia e que não queriam aceitar que fossem escoraçadas... (RI)...

Claro que a mim não me aconteceu nada. Eu era um quadro discreto, tinha aprendido uns comportamentos que me davam um certo fascínio...

O quê? Tanta coisa... às vezes fazia-me de parvinha... é tão giro... olhem, fingia que não sabia falar normalmente. Falava de uma forma afectada, imitava sotaques, expressões estrangeiras... copiava modas e estilos de revistas estrangeiras... até fingia que tinha um defeito na fala porque isso me dava uma espécie de curriculum, queria dizer que eu devia ser de alguma família importante, ou nobre ou estrangeira...

Depois, fingia que não percebia as coisas mais elementares. Claro que isso se tornava muito interessante para os nossos homens. Sentiam-se protectores, e sentiam-se privilegiados por contactarem com uma menina tão especial e prendada...

Claro que este jogo tinha os seus limites. Isto só triunfava porque eu me assumia como uma pessoa livre e amoral; por conseguinte, eu era sempre uma possibilidade de uma aventura interessante. Porque eu falava do sol, do mar, de boites, do luxo, da moda, mostrava-me extremamente aberta em relação às experiências amorosas e sexuais, e depois sabia sempre travar a tempo. Ou eu não fosse uma pessimista!...

E neste espaço de tempo eu recebia jóias, convites óptimos para ceias e viagens - que muito raramente aceitava - casacos de peles, lingerie dernier cri... quando me lembro da roupa interior de renda preta e vermelha que um tal conde me ofereceu!... (RI)... bem, era assim, o meu pessimismo de infância ensinou-me tudo.

Ah! Agora lembro-me da moda. Eu defendi sempre a moda "retro". Com isso, eu mostrava roupas e jóias das bisavós e, por aí, fazia a diferença de classe. Porque a verdade é que existe mesmo uma diferença de classe e eu sempre percebi isso. Uma coisa que pegou sempre foi o meu amor pelos animais, por cavalos, cães e gatos. São bonitos, ficavam bem na fotografia ao meu lado. O que me fazia parecida com as grandes vedetas das revistas e se tornava num grande prazer para quem eu escolhia como companheiros e amigos.

Penso até que foi uma fotografia dessas que eu tinha na secretária que encantou esses tais militares de Abril. Sorriram, enterneceram-se, perguntaram o nome do gatinho, eu disse que era uma gatinha, a Frou-Frou, eles riram muito, fizeram uma festinha no retrato e disseram para eu estar à vontade. Coitados, pareciam boas pessoas mas eu vi logo que não iam longe. Era só optimismo, até me disseram que me deixavam em paz porque eu não era peixe graúdo... (RI)... mal eles sabiam!

E assim seguiu a minha vida sem grandes sobressaltos. Ia-me cultivando e aperfeiçoando o meu pessimismo. Houve um filme que me encantou e que me ensinou uma frase essencial. Disse a Marlene Dietrich no filme "Moroco", "todas as vezes que um homem me ajudou houve um preço. Qual é o seu?"... (RI)... foi magnífico. Se até aí eu já era adulada e temida... sim, temida, as pessoas tinham medo dos meus humores, das crises que eu fingia ter, das doenças que simulava... ser pessimista exige coerência, determinação, não nos podemos descuidar um instante... se alguém suspeita que existe optimismo no outro, não o poupa, embriaga-o e entontece-o com projectos, sonhos, utopias e outras banalidades. Pois a partir dessa frase tudo avançou rapidamente. Quando se pergunta pelo seu preço a alguém, é evidente que respondem "não é nada..." o que eu aproveitava

para insistir em dar qualquer coisa, pequeno favor, sorriso mais aberto, uma ou outra confiança - inútil, claro, mas bem valorizada... e assim fui abrindo o meu caminho no emprego, na sociedade, nas famílias...

Só havia um aspecto com uma solução difícil. Era o meu lado sentimental. O meu pessimismo tinha-me afastado, logicamente, do sentimentalismo juvenil, dos sonhos no ser amado, dos desejos românticos; claro que também não era frustrada, mas sentia que me faltava alguma coisa para ter um triunfo pessoal total e inequívoco.

Uma amiga minha tinha esse problema e inscreveu-se numa agência internacional (para encontrar o homem da sua vida).

Enviaram-lhe um questionário que era um horror: estado civil, altura, peso, medidas, cor dos olhos, dos cabelos, categoria sócio-profissional, meio profissional, estudos, origem social, religião, filhos, se praticava desporto, se a família era viva, como estava de saúde, quantas vezes fazia sexo por semana ou ao mês - parece que há gente que faz essa coisa só quando calha -, opiniões políticas, se gostava de dinheiro, - imagine-se! - se tem casa própria, e ainda por cima, se gostava da vida... aquela coisa estúpida - estão a ver - em que se vão pondo cruzinhas e depois há uns tipos e tipas que dizem que são os professores ou sociólogos ou não sei quê e dizem o que nós precisamos... berrei com a minha amiga e lá a convenci a não contar essas coisas a ninguém...

E até lhe falei do caso do Landru, aquele francês que matou dez mulheres, pelo menos. Porque é que elas morreram? Porque eram desgraçadamente optimistas e acreditavam nos anúncios de casamento... Eu sempre que vejo um barbudo careca, lembro-me do Landru e afasto-me logo. Nunca fiando.

Uma vez experimentei e recebi a seguinte carta. "Eu procuro um amor verdadeiro e sentimentos que possam assegurar uma felicidade duradoira. Eu sou bastante independente para vos declarar que, da minha parte, a escolha de uma esposa não depende em nada de condições financeiras" (RI). Que engraçado! Vi logo que por aí só se apanhava malandragem que queria enganar pobres mulheres indefesas.

As tais optimistas de que eu tenho estado a falar.



E, de repente, tomei outra grande decisão.

Como sabem, a seguir ao tal 25 de Abril, o país foi uma vergonha, andava tudo aí no laré, elas e eles mudavam de par como quem muda de camisa... Pois eu, como sou pessimista, mandei isso tudo à fava e casei-me pela igreja com um herdeiro muito rico, mas que andava na mó de baixo. A família tinha fugido para o Brasil, o irmão andava numas aventuras esquisitas, tinham vendido umas quintas e uns palacetes, quase de borla, e ele não fazia nada porque não sabia fazer nada, nem tinha coragem para se mexer. Era mesmo o homem que me convinha.

Quietinho e à espera de melhores dias.

E os melhores dias vieram. Muito mais depressa do que sussurrava o meu pessimismo. Vieram indemnizações, restaurou-se a família que entretanto tinha enriquecido no Brasil - muitos não voltaram, claro, para que é que vinham aturar esta gente? -, e eu, como sou pessimista, fiz logo quatro filhos, parece que são os partidos mais importantes que há cá - vai um para cada lado, há-de ficar tudo em família.

E o lucro que me deu ter casado por igreja!

Eu não acredito nada naquelas coisas, claro. Um pessimista não quer papeis, compromissos, nem fantochadas. Por isso, no fundo, eu até achava graça àquela vida livre que algumas amigas minhas faziam a seguir ao 25 de Abril, mas, por segurança, nunca caí na armadilha de ir por esse caminho.

Era evidente que a igreja é que tinha força e que ela havia de voltar a mandar nisto tudo. Agora a moda é o casamento pela igreja... e eu tenho a glória de ter dado esse passo numa altura em que poucos tinham coragem para tal. Esse acto pessimista abriu-me as portas de muita gente importante e prestigiou-me como mulher de princípios e decisões firmes.

Como sou católica não praticante e também não sou parva e não acredito nada naquela história "o futuro a Deus pertence", organizei muito bem a minha vidinha.

Numa terra de cegos, quem tem um olho é rei, e eu tinha os dois muito bem abertos devido ao meu pessimismo.

Reparei que as pessoas ouviam com interesse algumas coisas que eu dizia, e que, por vezes, as repetiam a outras. “Que interessante, quer dizer que tenho o caminho aberto para seguir em frente...”. Bem, aquelas coisas que eu dizia eram copiadas das tais revistas de que falei que se liam lá em casa quando eu era pequenina e muito ingénua. Desta vez, já percebia que tudo aquilo se podia transformar em nome social, o que queria dizer, está claro, muito dinheiro. Comecei a escrever em jornais. Cautelosamente, para não criar invejas nem inimigos. Coisas simples: horóscopos, correio sentimental, laranjas da China, refogado de borrego, etc.

Via-se que eu tinha uma boa cultura geral e não assustava ninguém. Começaram a gostar cada vez mais de mim. Fiz um jeito a um chefe... sim, um jeito... é isso que estão a pensar... e não me venham com conversas e moralidades que isso são coisas que toda a gente faz... e os que não fazem é porque não lhes deram a oportunidade... bem, o que eu sei é que com esse jeitinho, comecei a escrever umas coisas sobre canções e discos... não era difícil, aldrabava-se bem, tinha era de comprar mais revistas às escondidas e tive de aprender bem inglês para perceber aquilo.

Chegada à música, percebi que o futuro estava na cultura, ou nos tempos livres, que é a mesma coisa. Aliás, não era bem isso. O futuro estava em se conseguir importância a falar de cultura e dar a entender que se sabia muito de muita coisa, que se tinha relações de amizade com artistas, escritores, essa gente que está sempre à espera que a gente lhe estenda a mão. Ora isso só podia funcionar bem se houvesse o controlo dos jornais, da rádio, da televisão... era muito trabalho para uma mulher só. Mas eu não recuei, e em pouco tempo, meia dúzia de anos, consegui um apreciável domínio de várias áreas. É evidente que já há outros a trabalharem para mim, principalmente putos e miúdas que saem de uns cursos novos que andam para aí a dar, e que se pelam por estar às minhas ordens, a senhora mais fina e elegante que eles conhecem... (RI) tão parvos, são mesmo uns badamecos, uns artolas!

Bem, devo dizer que o meu triunfo foi fácil porque eu impus o meu pessimismo como moda.

O ar pessimista. Fale sobre o que falar, é sempre considerado mais inteligente. Diz-se que é mais lúcido, que sabe ver os problemas por vários ângulos e facetas ocultas ao simples mortal.

Tem normalmente uma exposição pausada, ritmada, sem sobressaltos; ele sabe que tem razão, sabe que os outros são de percepção limitada, sabe que tem de exercer o seu magistério com moderação e clemência. Pode ter algum humor, mas de forma limitada.

Aliás, muito riso, pouco siso.

O êxito do pessimista é compreensível.

Ele quer que as coisas fiquem na mesma e receia as inovações e as surpresas.

Por isso tem de atacar com ferocidade e arrogância - quanto mais melhor - tudo o que cheirar a irregularidade, optimismo, descoberta.

Tive imediatamente discípulos e imitadores. Felizmente péssimos imitadores: uns palermas que só achincalhavam os gostos de qualquer pessoa comum, para fingirem que estavam a criar uma elite com os seus leitores.

Ao principio essa parolice triunfou, mas depois as pessoas começaram a desprezá-los. Completamente desnorteados, começaram a querer fazer humor cínico... pobres diabos! Eu chamo a este desvio optimista a doença infantil do pessimismo - o exibicionismo gratuito, a mistura da frase contrita com o insulto, o olhar angustiado, a boca ululante... Credo!... isso compreende-se num jovem pessimista inexperiente, mas a maturidade pessimista é ficar absorto, reflexivo, expressar a dúvida, a dúvida que se finge interessada, com um ligeiro franzir de sobrolhos, um leve rictus nos lábios... (imita)...

Estou a confessar-vos algumas conclusões do último seminário internacional sobre pessimismo em que eu participei.

Foi na Rússia e discutia-se a importância da contribuição da alma russa para o pessimismo contemporâneo. A minha intervenção foi muito elogiada e só tive problemas com umas parvas que queriam que eu fizesse força pelo lobby das mulheres pessimistas. Quero cá saber de lobbies, de grupos, de seitas, de mulheres! Pelo amor de Deus! Se eu triunfei foi porque tracei o meu caminho, sozinha, contra tudo e contra todos, contra governos, partidos... bem, partidos,

partidos, convém esclarecer a minha situação.

Sim, eu realmente não pertenço a nenhum partido. Mas também não sou independente.

Eu estou dependente de ideias, não de partidos. Quem defender o pessimismo, o fim da agitação, o rigor e a ordem, pode contar comigo.

Quem tiver nas suas fileiras gente com dinheiro, empresas fortes e boas posições no Estado, isto é, força para mandar no país, pode contar comigo.

Eu escrevo em jornais, tenho influencia, crio opinião, sou “opinion-maker” (vêem, já sei inglês muito bem!), posso elogiar hoje um partido, amanhã outro, que ninguém me leva a mal. Consegui criar a imagem da isenção através do culto persistente do meu pessimismo. A tal ponto que hoje eu posso dizer que não pertenço a nenhum partido, e que, ao contrário, os partidos que eu quiser me pertencem. É giro, não é?

Quando se chega a esta situação o que é difícil é saber gerir o êxito. Grandes pessimistas têm falhado em momentos cruciais. Os cantos de sereia do optimismo são perigosíssimos. Mas olhando com firmeza para este combate, é evidente que eu ganharei sempre.

Eu sei que o optimismo é pérfido e usa as armas da fraqueza humana. Agora até chegou aquela gente horrível, as seitas religiosas, evangelistas, mormons, coisas assim...

(imita um evangelista):

“Não, não fique triste porque não ganhou. O que interessa é a riqueza que está dentro de si, que você transporta com paixão, com alegria, com emoção. Essa riqueza ninguém lhe pode tirar. Ninguém pode tirar a sua riqueza interior, o maior tesouro que você possui, o seu tesouro secreto é insubstituível, aquilo que faz de você a pessoa diferente e amada pelos outros. Esse é o seu grande valor, é o ouro da sua existência, é o que faz de você uma pessoa querida, desejada e inesquecível. Não sofra por não ter ganho o prémio material; você é milionária com a sua grande riqueza interior, a riqueza única feita por Deus e protegida por

Deus.

Fiquem em paz meus irmãos!”

É incrível, não é? Riqueza interior, não sofra por ser pobre, é preciso paixão, alegria, emoção...

Se não fosse uma verdadeira pessimista, eu andava indignada com o triunfo destes charlatões... assim, vejo tanta gente parva atrás deles que só me confirma o que sempre pensei.

São rebanhos cegos, que acreditam em milagres, que acreditam nos outros...

Pobres optimistas! Os técnicos de propaganda desta tendência estão encurralados. Eles têm de ser quentes, afectivos, simpáticos, têm de usar os grandes palavrões da solidariedade, do amor entre os homens, do humanismo...

(RI) e depois têm de prometer coisas, progresso, emprego, dinheiro, saúde, educação, tanta coisa que nem o pobre do Jesus Cristo numa empreitada de milagres conseguiria fazer (RI).

Pelo contrário, a nossa luta é simples e directa. Ridicularizamos essas promessas, intrigamos e achincalhamos os optimistas mais perigosos, assumimos que somos mais fortes, e por isso somos arrogantes, malcriados e vaidosos. Cultivamos a má língua, criamos uma guerrilha surda, permanente, constante, nos empregos, nas famílias, nos lares, nos ócios, nas escolas, nos hospitais, nos reformados, no mundo.

Somos odiados e temidos.

É isso que o povo quer: odiar e sofrer em silêncio. Foi o resultado da nossa propaganda pessimista: o optimismo, pai da revolta, não tem razão de ser.

O que é curioso é que os mais resistentes em aceitar o meu desprezo pela humanidade e pelos sentimentos, acabam sempre por me dar razão (SORRI).

Com esta merda de mundo não têm outra saída. (RI)

Para comemorar este meu triunfo total, e anunciando que vou abrir um escritório para maior divulgação do pessimismo, vou pôr um disco do inimigo - dizem que faz parte de um curso para uma pessoa ser optimista.

(Põe disco de gargalhadas. Influencia-se e ri. Começa a sufocar, a ficar aflita, e

morre).

Gargalhadas continuam.

(Ergue a cabeça)

- estão a ver o que me aconteceu quando me deixei cair na tentação do optimismo?

(Morre. Gargalhadas)

FIM

Helder Costa. Correo electrónico: [costhelder@gmail.com](mailto:costhelder@gmail.com)

Todos los derechos reservados

Buenos Aires. 2009

CELCIT. Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral

Presidente: Juan Carlos Gené. Director: Carlos Ianni

Buenos Aires. Argentina. [www.celcit.org.ar](http://www.celcit.org.ar). e-mail: [correo@celcit.org.ar](mailto:correo@celcit.org.ar)